SGC-39592
- 1.746 -

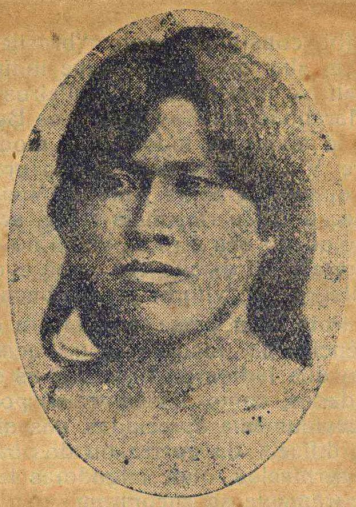
D. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

"Ide por todo mundo, pregai o Evangelho A TODA CREATURA". Marcos 16-15.

"Fazei pois oração pelo resto que se acha" 2 Reis 19,4.

1671 Coup.

O ÍNDIO DO BRASIL



REDATOR RESPONSAVEL:
DINIZ COSTA

TRAV. 14 DE ABRIL, 222
Assinatura Anual Cr$ 2,00

BELÉM PARÁ

Órgão no Brasil da Missão Pró Evangelização Mundial
Registrado de acordo com as leis da Imprensa

No. 47 | JULHO — SETEMBRO — 1946 | ANO XIV

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Os Indios Deram Base Ao Carater Nacional

PROBLEMA EMINENTEMENTE SOCIAL

E, por mais valiosa que possa ser a sua contribuição econômica, ela se coloca em plano secundário, em face da incorporação social ou seja dessa outra contribuição para a formação do tipo humano mais conveniente a caracterizar a raça que aqui está sendo elaborada.

O aproveitamento do índio, no que teve de humano e orgânico no correr de nossa história, foi e continua a ser um problema eminentemente social, cuja repercussão se estenderá pelo futuro grandioso de nossa gente, figurando a parte econômica imediata como "quantum satis" subjacente, na solução do magno problema. Mas, não é demais que se pergunte:

Que é o índio?

Neste particular permito-me o prazer de transmitir a opinião do Serviço de Proteção aos Índios pela sua ardorosa Diretoria:

"A preciosidade maior que encontramos na marcha para o Oeste".

E essa preciosidade, continua ela discorrendo, vem das grandes qualidades que a sua incorporação trará ao povo brasileiro.

Os aspectos marcantes, as qualidades reais de nossa gente mui pouco podem ser observados nas populações litorâneas, onde o refluxo de estrangeiros e as condições de vida, tudo deturpam e nivelam. É lá, nos rudes trabalhos do sertão, perante tôdas as dificuldades e sacrificios com que a vida alí se apresenta, que podemos ter o confôrto dessa verificação. E quem, como nós, a tenha feito não pode descrer do futuro do Brasil. Isso mesmo afirmou o grande estadista americano Teodoro Roosevelt, em presença dos oficiais e dos nossos caboclos que o conduziram da travessia da Linha Telegráfica, no rio da Dúvida, à confluência dos rios Castanho e Aripuanã, dirigindo-se a estes: "O país que possue filhos como estes, está fadado a grande futuro e a grandes coisas".

"Não se iludam, disse o escritor inglês, com a aparente fraqueza do Brasil, a frugalidade, a resistência e a bravura do seu povo o tornam um país inconquistável".

O levante pernambucano, ao mesmo tempo contra os holandeses e contra os tratados de D. João IV com êsses mesmos holandeses, de cujo cumprimento resultaria a entrega à Holanda de trecho do Brasil, desde Sergipe ao Maranhão, forneceu ao historiador britânico Southey a oportunidade de descobrir e narrar uma das grandes epopéias da Humanidade, que o aulicismo dos historiadores portugueses e brasileiros cuidadosamente deformou no interêsse do bom nome bragantino. Foi essa a primeira manifestação da pujança nacional do povo brasiliano, classificada de "milagre" com que ninguém poderia contar, pelo padre Antônio Vieira, o conselheiro do Rei e seu embaixador em Háia para a entrega aos holandeses daquele largo trecho do Brasil, em troca do apôio da Holanda contra a Hespanha, na luta para a manutenção da independência conquistada em 1640. Não esqueçamos que a Holanda era, então, a primeira potência marítima do mundo. Se, quando as armas e os poderes de Portugal e Espanha estavam unidos, não lhes foi possível defender o Brasil da invasão e conquista dos holandeses, como será possivel a Portugal, agora, tendo contra si a Espanha, expulsar os holandeses do Brasil? dizia o padre. O Rei aceitou êsse e os demais argumentos, todos tendentes àquela entrega, com tanto calor que lhes deu a denominação de "papel forte" com que é conhecido na história. E os embaixadores tiveram ordem de negociar com a Holanda a parte referida do Brasil. E foram expedidas ordens aos chefes pernambucanos para deporem as armas, sendo considerados rebeldes contra Portugal os que não os fizessem.

O MILAGRE DA VITÓRIA PERNAMBUCANA

Muitos bravos portugueses que estavam entre os insurgentes cumpriram o mandado real, abandonando a rebelião e depondo as armas, mas o brasiliano Vidal de Negreiros e outros, representaram ao Rei nos seguintes veementes termos: "A nossa gente não nos perdoaria e seríamos por ela sacriiicados se tentássemos cumprir as ordens de Vossa Magestade..." e "procurariam a outro Príncipe católico que os defendesse".

Demos, sôbre o assunto, a palavra a um hintoriador português, Oliveira Martins: "Não contaremos os fatos dessa ilíada pernambucana. O Norte do Brasil ganhou então, por um ato de coragem, os foros de uma independência que o Sul ía conquistando todos os dias, de um modo lento, mas seguro; obscuro, mas infalível. Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Felipe Camarão, os portugueses, *os já brasileiros*, os negros, os índios, apareciam reunidos na aclamação de uma Pátria nova. Na antiga pátria portuguesa reinava D. João IV, de braço dado ao padre Vieira; e as ordens de Lisboa mandavam aos sublevados que depusessem as armas, que deixassem aos holandeses o que os tratados lhes garantiam porque, dizia o padre Vieira, abandonar Pernambuco é o meio de salvar a Índia".

Ainda se pensava em salvar a Índia.

"Contra o Rei e o seu Conse-

lheiro, contra os holandeses e a poderosa armada que os foi sustentar (1647), combateram os brasileiros, bombardeando Recife. Em 1648 e 1649, ganharam as duas batalhas decisivas de Guararapes; e, por fim, em 1654, depois de dez anos de guerra. D. João IV, já mais senhor de si, decidiu-se afinal a aceitar o que os pernambucanos tinham conquistado. Uma esquadra portuguesa foi a Recife consumar a expulsão dos holandeses".

Foi essa a primeira manifestação heróica da nossa experiência nacional.

Se o negro puro aí entrou com os contingentes do inexcedível Henrique Dias, se os índios, também puros, aí figuram tendo à frente o incomparável Camarão, o núcleo de resistência foi constituído pelo "brasileiro", com a alta dose de sangue indígena que alí se transfundiu. Brasileiros são os Maranhão, os Cavalcanti, os Bezerra e o maior de todos, êsse modesto André Vidal de Negreiros, tão grande que, quando o padre Antônio Vieira o conheceu de perto, mais tarde, se penitenciou do seu êrro de visão no "papel forte". Alí estava em carne e osso o milagre da "vitória pernambucana"!

Pois bem, êsse povo foi a consequência da incorporação racial e social dos índios do Brasil. E as suas qualidades, como dissemos, só podem ser devidamente apreciadas nas situações difíceis da guerra ou dos trabalhos sertanejos, onde julgadores levianos raramente se encontram.

O Problema Do Indio Debatido Na Assembléia Constituinte

Com a epigrafe supra a "Folha do Norte" desta Capital, de 19 de Maio p. p., publicou alguns detalhes do que ocorreu na Assembléia Constituinte acerca do selvicola brasileiro. O assunto abordado foi quasi que a catequése religiosa, exclusivamente. Ali, foi por alguns constituintes enaltecida a obra das Missões Salesianas, com especialidade no vale do Amazonas, sem falar em Mato Grosso, Goiás, etc.

Lamentamos profundamente que os nossos ilustres patricios que ali representam as aspirações de um povo, que à ferro e à fogo se quer ver livre da ditadura e do dominio de ultramar, se tivesse esquecido que mais alto do que as Missões Salesianas nesse terreno, falam as Missões Evangelicas, espalhadas de norte a sul do país, cujos pioneiros — na sua maioria nacionais — vencendo milhares de dificuldades materiais e fisicas, vêm ha muito construindo um alicerce invulneravel sobre o qual se apoiará o Brasil de amanhã. Não somente a modestia desses pioneiros, como os imperativos da Palavra de Deus — a Biblia Sagrada — os têm obrigado a conservar-se na obscuridade, sem alarde ou propaganda, na certesa de que o tempo iluminará o que até agora os homens não têm querido vêr. As Missões Evangelicas, que têm como regra de Fé e Pratica a Biblia Sagrada — O Livro dos livros, — têm por escôpo provar os seus esforços e trabalhos por meio de fatos, e nunca jamais pelo burilhar da pena ou da oratoria floreada, como fazem muitos que a isso se atrevem, quando infelizmente só conhecem as aldeias indigenas através de escritos imaginarios, de linguagem poética — para melhor acharem venda — e da fanfarronice de meia duzia de escritores mediocres, que tão, somente, e isto as vezes, conhecem unicamente a embocadura dos rios em cujas cabeceiras estão localisadas as tribus a que se referem.

Não somos contrarios a catequese religiosa, não. Mas somos daqueles que crêm que não pode haver uma civilisação sadia e moralisada quando esta caminhe divorciada da religião puramente cristã. Lancemos um olhar retrospectivo sobre as nações que adotam a Biblia como seu Codigo de Moral, e tiremos uma ilação com as que usam literatura e responsorios forjados pelos homens. Isto é tão axiomatico que dispensa comentarios. Os Salesianos, permita-nos dizermos, não são cristãos, se usarmos o termo "Cristãos" no seu sentido amplo e etimologico. Eles são idolatras, e a idolatria é condenada; foi o que causou a ruina do povo de Deus. Consultemos a Escritura Sagrada e verificaremos ser a expressão "da verdade" o que acabamos de declarar. Não negamos que os Salesianos têm se esforçado e mesmo se sacrificado para que o índio se aproxime mais dos civilisados e com estes mantenha relações de amizade e de comercio, isto não podemos negar, e se o fizermos estaremos faltando com a verdade; mas por outro lado o tem mergulhado mais e mais no feitichismo, na superstição, nos vicios e outras tantas coisas perniciosas e prejudiciais, que nada mais fazem do que agravar cento por cento a tára já vilissima do filho das selvas. Frequentemos os arraiás festivos daquelas Missões. Que vemos? — Casas de tavolagem, onde o "33", o jaburú, o bacará, o quino e outros jogos têm o primeiro logar; teatrinhos que levam a cena revistas picantes e livres; bancas de sorte, mesmo do padroeiro ou padroeira que se festeja, além de outros cortiços, onde a mocidade incauta e as familias indefezas em promiscuidade com a ralé, vai louca e cegamente aventurar o ultimo cruzeiro que fica fazendo falta no café do dia seguinte. Que mais ainda? — Botequins, bars e seus congeneres, luxuosamente mobiliados e feericamente iluminados, cujas fachadas ostentam em letras garrafais, nomes de "Santos", os mais cotados, e onde o nome de Deus e Jesus Cristo servem apenas de chamariz. São estas, a religião e as festas das Missões em torno das quais se tecem elogios imerecidos e sobre as quais espera-se reconstruir o Brasil do futuro. Pobre Brasil, meu País querido! Pobre Brasil, onde a Cruz que embelesa o teu nome e emoldura o teu céu, serve apenas de pretexto para os delapidadores da doutrina do Filho de Deus!

Ainda ha pouco tempo exurcionou ao vale do S. Francisco a missionaria D. Else, da Igreja Presbiteriana, região essa por onde àquelas Missões têm andado ha mais de dois seculos, e vejamos o que diz a excursionista: "Ora, é indiscutivel o progresso material que mais tempo, menos tempo, transformará o vagaroso desenvolvimento em algo mais veloz. Discutivel, entretanto, é a influencia religiosa que age alí, ha mais de duas centenas de anos, sem modificar os habitantes das margens. Se ha religião (e há), NÃO PODEMOS APONTAR A QUE DOMINA O BRASIL".

Nada se sabe do que essas Missões têm feito a não ser por meio de relatorios, em lugares de dificel acésso. Mas a crêr na historia, já podemos deduzir alguma coisa dos seus emissarios, com raras exceções. Quando a Expedição Roncador-Xingú partiu para o país dos Chavantes, agregou-se à mesma o padre Chovelon, como pretenso aproximador ou cicerone entre áquela luzida embaixada e os mencionados índios — o que não conseguio — (Est. e Conf. pag. 26); choveram elogios ao novo Pericles do Vale Amazonico, visto pertencer ele á Missão Salesiana. Pois bem, esse sacerdote, muito conhecido no ambito das ocáras, pouco tempo depois, viu-se excluido da mesma, por coisa sem importancia (lá para êles Salesianos), conforme vemos do telegrama seguinte:- "O Padre Hipolito Chovelon que integrou a Expedição Roncador-Xingú, — foi excluido da mesma por ser elemento nocivo — desvirtuando as finalidades do seu sacerdocio, vindo se comportando de maneira indecorosa, chegando ao ponto de praticar atos atentadores á Moral e aos bons costumes". "(Diario do Norte", de Recife).

Eis aí, patente aos olhos de Deus e do mundo, a prova do que acabamos de relatar. Pode porventura o índio olhar com os bons olhos ao civilisado uma vez que o que vai para lá, para instruí-lo, como a fina flôr da moral, da civilisação e dos bons costumes procede peor do que os proprios barbaros?

É bem verdade o que declarou um senador em plena Assembléia Constituinte: — "Os civilisados têm provado serem mais barbaros do que os índios".

O índio precisa de amparo e proteção com abundancia. Se quizermos entrar no ról de nação civilisada, temos de cuidar quando antes do problema do índio.

A América do Norte só pôde falar em alto e bom som como nação civilisada, depois que resolveu a situação dos Peles Vermelhas.

Uma das grandes vantagens do índio, em que ele nos sobrepuja, é no modo de adoração. Ele sabe perfeitamente que o idolo ou a imagem de escultura não tem vida e é de nenhum valor, e esse é o motivo que o índio não é idolatra. Agora se, em vez de aproveitarmos o espiritualismo do ín-

dio para encaminha-lo a Deus, o levamos a adorar imagens, fazemo-lo descer ao abismo do embrutecimento. Que é que diz a Palavra de Deus? — "Semelhantes a eles (aos idolos) se tornem os que os fazem, e aqueles que neles confiam "(Salmo 115:8)Mudos, cegos, sem vida, sem movimento, sem coração, sem esperança, e como tal sem Deus.

Baseados na Palavra de Deus, é que autorisadamente anunciamos a regressão do filho das selvas.

Queremos por isso estender as mãos ao senador Carlos Prestes no tocante às Missões Salesianas, sem com isso compartilharmos das suas ideologias. Aqueles falsos guias espirituais, bafejados pelo poder que gosam nesta terra, só tem contribuido entre os indios para acirrar mais o ódio destes contra os civilisados bem intencionados e portadores de u'a moral sem jojo. Se não houver alguem que oriente e veja estas coisas, de futuro o governo ver-se-á na contingencia, de, para sanear o Vale do Amazonas, exteminar o índio á bala, pois de outra maneira não conseguirá.

Todavia, devemos dar graças a Deus, porque a mentalidade brasileira está voltando as vistas para os nossos irmãos aborigenes, e se interessando pelo seu levantamento moral e fraternal entre um povo que lhe quer o exterminio.

Oremos, pois a Deus que nos auxilie nesta pesada e espinhosa missão, cujos frutos, se não provarmos, servirão de ornamento aos nossos tumulos. como um galardãodos nossos sacrificios por esses infelizes. E o Justo Juiz Divinal nos dará o premio dos nossos esforços e nos enxugará as lagrimas e sarará as feridas abertas nessa Cruzada Bendita.

DINIS COSTA

Morte Na Maloca

(Continuação) *Por Horace Banner*

A sepultura não fica cheia com terra, não. Fazem uma especie de giráu de varas e colocam sobre a boca da sepultura, pondo por cima terra, contanto que a sepultura fica apenas com o cadaver. Enquanto um dos homens corta as varas, as mulheres entregam-se novamente ao pranto e ao desespero: lutam, golpeiam-se e gritam como loucas — mais lagrimas e mais sangue. As cunhãs usam flagelar-se com o restante das varas, batendo-se pela cabeça e pelas pernas, de cujos ferimentos recebidos anteriormente na maloca jorra sangue outra vez. Amontoada a terra sobre o jiráu de vara que é forrado antes com palha, da-se por terminado o enterro. Todos voltam para a aldeia, com excepção de um rapaz que fica incumbido de fincar uma forquilha à beira da sepultura, onde pendura as corôas de palha deixadas ali pelos que vieram trazer o cadaver. Se o defunto é uma criança, fica a propria mãe que corta o cabelo e deposita sobre a sepultura. Os parentes do falecido, por muitos dias só podem conversar em voz baixa, porém sem pronunciar de forma alguma o nome da criancinha falecida ou do adulto. As indias podem visitar de quando em vez o cemitério, e ali como da vez primeira repetem a mesma cêna de histerismo. É dificil convence-las que deixem ou abandonem esse costume barbaro e tradicional. Alegam elas que as mães civilizadas, que não se cortam nem derramam o proprio sangue diante da morte dos seus filhos, não lhes têm o minimo amôr.

Geralmente os cemiterios dos índios caiapós não são grandes, dada a sua vida nomade, principalmente quando acontece morrer muita gente em pouco tempo, ocasião esta quando eles não demoram muito num logar.

Quando a morte verifica-se durante uma viajem, longe dos campos da sua aldeia, o enterro é feito no mesmo logar da morte, mas em carater provisorio, porque, tempos depois os parentes vêm desenterra-lo, cujos ossos conduzem para a taba, onde as cunhãs limpam-nos e os pintam com tinta de urucú, guardando-os como um objeto de estimação, para mais tarde enterrarem-no novamete no cemiterio da aldeia.

No antigo posto missionario do Riosinho no alto Xingú, onde os indios passaram mais de três anos residindo, existem dezenas de sepulturas. Eles abandonaram áquele logar não por que alí morresse muita gente, e sim (segundo eles alegaram), por existir muitos espiritos que perseguiam os vivos. Olhando para áquele cemitério recordamos, na quietude daquelas sepulturas, quantas miserias e atrocidades não foram cometidas naqueles e por aqueles que agora ali descansam deste mundo.

Nesse cemitério repousa a índia Becuiarin-ti, que foi jogada fora da aldeia, por que os seus gemidos incomodavam o socego dos seus visinhos. Os missionarios acharam-na horas depois em um formigueiro, coberto de insetos, porém já quasi sem vida, vindo a falecer momentos depois, não obstante os esforços empregados para salva-la. Sendo ela uma «uatí» (sem parentes), foi preciso que os missionarios fizessem o seu enterro, pois os indios a haviam abandonado.

Ngreimári pertencia á tribu do Kubem-Kran-kên, e que fôra aprisionada pelos índios do Riosinho, com quem viviam sempre em guerra. Alí ela sofreu mil insultos, abusos e humilhações. Um dia ela achou um civilisado que quiz ampara-la, isto é, viver com ela maritalmente, o que ela de bom grado aceitou, mas foi para sua propria desgraça! Uma turma de guerreiros foi atraz dela, tomaram-na do marido e mataram-na á cacête.

Kruatí-Kra e Niutí, eram dois índiosinhos que se achavam asilados na maloca e cujo pai estava doente. Um dia, por ter Kruatí-Kra chorado muito, um tucháua novato mandou que outros meninos fossem mata-lo, o que executaram sem demora e com alegria, enterrando o pobresinho em logar ignorado pelos missionarios que a todo estavam alheios. Niutí vendo isto fugiu, se não era morto tambem. Este foi se apadrinhar com os missionarios que o adotaram, e com facilidade aprendeu a lêr e escrever. O pai de Kruatí-Kra, logo que ficou bom, vingou a morte de seu filho matando o referido tucháua.

Outro índio chamado Propró, — acerca do qual os outros índios diziam que ele «estava com saudades dos olhos», — certo dia caçando, cegou repentinamente em consequencia de uma conjuntivite aguda que vinha sofrendo ha tempos. Era triste ve-lo, forte, robusto, resolvido, guiado pela mão dos outros. Para nós civilisados a vista é uma coisa de suma importancia, porém para o índio representa coisa mais elevada — é a propria vida. Logo foi abandonado pela mulher, e em seguida morreu-lhe a unica irmã que possuia. Diante destes tranzes nada havia que o conformasse nem mesmo as nossas palavras.

Um dia ouvimos gritos denunciando morte. Corremos da roça afim de ver o que havia sucedido, então verificamos que Parutí, a índia, havia morrido de parto. Então fomos incontinenti á maloca para ver quem estaria cuidando do filhinho recem-nascido. — Onde está a criança? perguntamos. «Com a mãe», foi a resposta. Mas, como os índios consideram como mães todas as tias da parte materna, aventuramos outra pergunta: — «Com qual?» — «Com Parutí.» — «Mas a criança tambem morreu?» «Não sei,» foi a resposta dubia e vacilante. Compreendemos logo — haviam enterrado a criança viva. Sem perda de tempo fomos buscar uma enxada e passamos correndo pelo meio da maloca, o que motivou os índios se reunirem em torno de nós «Que vai fazer?», dizia um.

«Para que vai tomar o filho da mãe?» clamava outro.

«Quem vai amamentar o filhinho?» perguntava ainda outro.

Para a mentalidade do índio o nosso serviço e a nossa preocupação inclusive indignação eram injustas e absurdas. Chegando ao cemiterio começamos a escavar com muito cuidado afim de que um bloco ou torrão de terra não caisse sobre a criança e acabasse de mata-la. Aberta a sepultura não ouvimos nenhum vagido ou movimento da criança... Chegamos tarde demais... A cova de um calor asfixiante já desprendida um fétido insuportavel, ao qual de fato a criancinha não podia resistir, e assim morreu áquele inocente.

Outra índia velha de nome Karinhô-tí — coisa de admirar — apareceu gravida. Ao aproximar-se o tempo da conceição ela foi atacada de gripe e impaludismo rebelde. O marido não valia nada, preguiçoso e descuidado, coisa aliás comum entre os selvagens, o que mais deu motivo para que este a abandonasse. Os missionarios começaram a tratar-la, dando-lhe pequenas doses de quinino afim de não prejudicar a vida do novo sêr, porém a febre não obedeceu. Então eu disse aos vizinhos que não podia dar mais quinino (pois era o remedio que disponha na ocasião), senão matava a criança. «Matar a criança?» disseram. «A cri-

ança tem porventura pai para merecer viver?» «Se o teu remedio não matar a criança a mãe na certa mata-la-á». «Criança sem pai não deve viver». — Esta é a opinião do selvagem.

Visto a vida de Karinhô-tí inspirar cuidados aumentamos a dose do quinino. Salvamos a parturiente, mas a criança morreu.

Proximo da aldeia está a sepultura de Joré, uma cunhatã uatí (moça sem parentes) que foi morta em uma noite quando os índios Kuben-Kran-Kên atacaram a aldeia. Não tendo ninguem que a acordasse no tapirí — pois estava com muito sono — quando uma salva de rifles irrompeu do escuro da mata, foi alcançada pelos índios invasores que mataram-na á cacetadas, enquanto que os demais nada sofreram por que fugiram.

Logo adiante estão as sepulturas de Kongrí e sua mulher Nhokoti, pais de um menino que foi raptado pelos Kuben-Kran-Kên naquela memoravel noite. Kongri era um indio de bons precedentes. Embora muito doente de febres, mesmo assim seguiu no encalço daqueles indios a ver se conseguia trazer o seu filhinho, porém tudo foi debalde. Nhokôti tambem doente, com o abalo da perda do filho e a morte do marido dias depois, faleceu. A morte de Jorê e de Kongri sensibilisaram de tal maneira os indios que estes, irritados, lançaram mão de um casal de Kuben-Kran-Kên que estavam asilados na aldeia por terem fugido daquela aldeia devido briga, e o mataram à cacete e cujos ossos ficaram espalhados no lugar da execução.

É no cemiterio no Riosinho que estão sepultadas as duas crianças de que nos ocupamos em um dos numeros anteriores, no artigo intitulado «Lar Selvagem». Uma das crianças tinham pai e a outra somenta mãe e mais ninguem. O menino que morreu subitamente possuia tantos parentes que à beira do sepulcro parecia mais um inferno do que um cemiterio — parentes sem conta retalhavam-se com facas e terçados por entre um voserio ensurdecedor, enquanto que a menina que era «uatí», tinha apenas a pobre mãe doente que cambaleando conseguio com dificuldades transportar o corpo de sua filinha até aquele logar. A pobre mãe não chorava, apenas seus olhos aflitos e angustiados denunciavam a dor mil vezes cruciante que invadia o peito e lhe torturava a alma.

Naquela mesma noite os dois missionarios receberam cartas de suas familias na longinqua Europa, dando noticias da morte do pai de um deles. A magoa foi imensa, porém, diante do que tinham presenciado, conformaram-se. Como pode o crente em Jesus maldizer-se como aqueles que não tem esperança, se nós temos a certeza de nós encontrar novamente no Além, em uma vida melhor na presença de Deus?

Pobres Caiapós! Vitimas da civilisação do branco e da flexa mortifera dos seus pares! Vitimas do clima e de um ambiente que somente o forte pode prevalecer! Vitimas das epidemias contra as quais não têm defeza! Vitima das enfermidades e cegueiras espirituais! Vitimas mil vezes do pecado! Quem te poderá livrar ó Caiapó destemído!? — Só o Senhor Jesus Cristo, o Autor e Consumador da Fé. Quando ó Caiapó, tu aprenderás a dizer conosco: — «Quando eu andar pelo vale da sombra da morte não temerei mal algum porque Deus está comigo»!

O Evangelho De S. Marcos Da Lingua Dos Indios Guajira

Em fins de 1944 muitos pacotes de copias da primeira tradução do evangelho de S. Marcos na lingua Guajira foram enviados de Nova York para Colombia.

Os indios Guajira que compreendem uma grandiosa tribu indigena na America do Sul (cerca de 47.000), habitam a parte noroeste da Colombia. Aquela região de 8.000 milhas quadradas é semelhante a um deserto, com seus cactus, arvores baixas, areias e ventos quentes Durante algum tempo eles vivem com os mestiços nas aldeias mais ou menos civilisadas. Em geral os Guajira vivem em suas pequenas aldeias dispersas na peninsula, onde sua ocupação principal é a criação de gado com algum trabalho de lavoura, durante a epoca invernosa.

Provavelmente a metade dos indios compreende a lingua castelhana, uns mais e outros menos, mas apenas uma terça parte a fala; preferem mais a lingua Guajira, pois é a sua propria lingua, dos seus lares e dos seus corações. Nós, com a nossa preciosa herança da Biblia Ingleza, ficamos tão acustumados com ela que a tomamos como uma coisa comum. Imaginai na miseria, nas trevas e na escravidão do pecado que seriam nossos se não houvesse a tradução da Bíblia na lingua inglesa! Esta é a condição de cada tribu que não tem a Palavra de Deus na sua propria lingua. Naturalmente a Biblia precisa ser lida, crida e posta em pratica, mas primeiramente precisa estar nas mãos de cada um ali.

Uma das maiores dificuldades na tradução do Evangelho de S. Marcos foi achar um informante fiel, mas presente ao serviço e interessado. E dificel obter deles um pensamento claro para certas coisas, como tamber encontrar palavras equivalentes a muitas palavras como «Paz», «Redentor,» «Perdão», «Fé», «Salvação», etc. Ordinariamente a idéia é expressa, mas não com a mesma amplitude como nós a compreendemos no inglês. Diversos informantes de regiões diferentes nos ajudaram a descobrir algumas divergencias. A mão do Senhor nos proveu de um informante do norte do territorio dos Guajiras, que nos visitou em procura de trabalho. A tradução foi iniciada em 1941. Em principios de Janeiro de 1945 um nosso colega missionario viu os primeiros fardos de livros impressos, na Agencia do Correio e que nos foram enviados. Impresso em bom papel, em formato «diglot» e com atraente capa vermelha, impressão esta que nos agradou imensamente.

Nós agora estamos trabalhando para melhorar as cartilhas, porque se os indios não forem instruidos na leitura, o livro será de pouco valor. A experiencia passada nos tem demonstrado que geralmente os indios ficam mais encantados com as figuras do que com a leitura, e isso dificulta a aprendizagem.

Nós estamos orando para que eles vendo estes evangelhos bem impressos fiquem incentivados a perseverar no estudo e aprendam com facilidade. O nosso alvo proximo é traduzir por completo o Novo Testamento. Será um trabalho um tanto dificil. As dificuldades são muitas e o trabalho requer anos. Mas os indios Guajira são merecedores e nós cremos que isto será da vontade do Senhor. Que haja muitos que se dediquem a tarefa de orar pela tradução do Novo Testamento na lingua Guajira. A tôsca tradução do Evangelho de S. Lucas está agora sendo re-estudada, afim de encontrar palavras que sejam compreendidas em todo o territorio Guajira. Qualquer dia um outro manuscrito chegará á Sociedade Biblica.

(Da «Biblia Society Record»)
Trad. do inglês por *Diniz Costa*

OFERTAS Recebidas Para O Trabalho Entre Os Indios Durante Os Mezes de Abril, Maio e Junho

	Cr$
Cristiano D. Mourão	83,00
Sociedade Cristã Juvenil, João Pessoa	50,00
Wilson Pedro Oliveira	10,00
Anita Silva	40,00
Carlos Diniz Pedreira	10,00
Igreja Batista, São José de Mipibú.	220,00
Antonio Grijó	1,0
José Raimundo Grangeiro	3,00
U. M. E. da Igejar Evang. Fluminense	750,00
Carlos José Fialho	8,00
Hilário Seigo Trancoso	10,00
Joel de Moura	10,00
Josué Lopes	10,00
Clotilde Pessoa	5,00
Maria Elisa	5,00
Leopoldo Pascoal	3,00
Manoel Dantas	10,00
Dr. Tubal Fialho Viana	30,00
Elvira da Silva	2,00
João Camilo	5,00
Lindolfo Sena	5,00
Manoel Bezerra	20,00
Adolfo Pessoa	20,0
Antão Pessoa	10,00
Aureliana Pascoal	40,00
Hilda Pascoal	25,00
Ruth Pascoal	5,00
José Pascoal	5,00
Itací Pascoal	5,00
Arací Pascoal	5,00
Arabou Pascoal	5,00
Aurelio Pascoal	5,00
Aurelice Pascoal	5,00
Antonio Inácio e Familia	40,0
Da Igreja Presbiteriana para o Trabalho entre os Caiuás as seguintes ofertas. Departamento Primario	70,00
Auxiliadora de Senhoras	87,00
Soldadinhos da Verdade	30,00
Sta. Nair Vilela	80,00
« Nair Pinto	10,00
« Ilidia Vilela	10,00
Snr. Franco Cavalconte	5,00
Sra. Zilda Sales Canuto	5,00
« Cecilia de Barros	2,00
José Vieira Sobrinho	1,00
Igreja da Barra do Corda	117,00
E. D. do Seminario Biblica	100,00
Igreja de Pindaremirim	30,00

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM